

## Recensão de *Os papéis de K.*, de Manuel António Pina

Ana Margarida Ramos  
Universidade de Aveiro  
aramos@dlc.ua.pt

«Às vezes julgo que inventei, de facto, Agnes. Ou que me inventou Agnes a mim, do mesmo modo que o escritor inventa o leitor, ficcionando-o assim, porque também o leitor ficciona aquilo que lê e ficciona o próprio escritor, seríamos ambos, Agnes e eu, ficção. E a história que ela me contou, a ficção de uma ficção.»

Manuel António Pina, *Os papéis de K.*

A novela “Os papéis de K.” marca a estreia na ficção narrativa para adultos de Manuel António Pina. Trata-se de um texto complexamente breve acerca de um outro parcialmente escrito e entretanto destruído e que influencia a escrita de um terceiro com o mesmo nome, interligando eixos ideotemáticos como a morte, a busca da verdade e a sua relação com a ficção, a validade da memória e a vivência oriental do xintô, no contexto que segue o bombardeamento atómico de Nagasaki.

O narrador principal partilha com o leitor uma história estranha que lhe foi episodicamente contada, em momentos e locais distintos, por uma mulher insólita e fugidia, que, por sua vez, a tinha lido numa obra entretanto destruída e não publicada. Essa mulher, Agnes de seu nome, funciona como porta-voz de uma mensagem encriptada sobre as motivações e as consequências de um acontecimento histórico – o holocausto nuclear de Nagasaki – que passa a ser entendido numa outra perspectiva, à luz de coincidências e de elementos sobrenaturais propostos pela cultura e filosofia japonesas e pelo pensamento xintoísta.

Sem que o narrador adira completamente à história que ouve, apesar das provas e dos indícios que lhe são apresentados, a sua narração pauta-se pela interrogação permanente e pelas dúvidas que se lhe levantam acerca do seu conteúdo e da sua peculiar porta-voz, conduzindo-o na busca infrutífera de ambos. Desaparecida Agnes, desconstruídas as “provas materiais” por ela apresentadas, desfeitos os equívocos voluntariamente criados, ao narrador resta a questionação da “verdade” dos próprios acontecimentos que testemunhou e das personagens que julgara conhecer, até que se depara com

a publicação de um romance semelhante à história que ouvira e que tem exactamente o mesmo título da obra que apresenta ao leitor – “Os papéis de K.”, reforçando (ao mesmo tempo que põe em causa) o episódio insólito que vivera e retivera na memória.

De alguma forma, estamos em presença de um texto que se espelha a si mesmo, uma (possivelmente várias) ficção (ficções) dentro da ficção, que se concretiza numa complexa estrutura de “mise en abîme”.

Assim, o título desta narrativa que se desdobra, apesar da curta extensão sintagmática que a caracteriza, em várias outras, remete simultaneamente para textos/discursos variados, promovendo leituras distintas. “Os papéis de K.” que são, no fundo, o título do livro de Manuel António Pina, remetem ainda para o texto manuscrito do professor japonês (depois parcialmente destruído), para o relato acerca desses papéis feito por Agnes e para o romance entretanto publicado com esse mesmo nome, depois de a história ter sido repetida a mais alguém...

O leitor, perplexo, é convocado a seguir o labirinto que pode ser a leitura deste texto, feita de avanços e recuos na construção do(s) sentido(s), seguindo um verdadeiro fio de Ariadne que são as pistas, as coincidências e os trajectos (físicos e simbólicos) do narrador, quase tão perturbado como ele com o desenrolar dos acontecimentos.

Cheia de “piscadelas de olho” e interferências várias de ordem intertextual, como é o caso de elementos da História e o discurso das religiões e culturas, e factual, como a História recente do Japão, além de múltiplas e pertinentes reflexões sobre a validade e a certeza da “memória” (fio condutor da diegese), a mais recente publicação de Manuel António Pina não conseguirá deixar indiferentes os seus leitores, sabiamente enredados numa teia narrativa simultaneamente simples e assustadoramente complexa, que abana alguns dos pilares clássicos da narrativa literária e que conduz, invariavelmente, à reflexão.

*Os papéis de K*, Manuel António PINA, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003